



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JÉSSICA KALLYNE ARRUDA SILVA**

**MEMÓRIAS DE VELHOS NO QUILOMBO VILA TEIMOSA**

**SUMÉ - PB  
2018**

**JÉSSICA KALLYNE ARRUDA SILVA**

**MEMÓRIAS DE VELHOS NO QUILOMBO VILA TEIMOSA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.**

**SUMÉ - PB  
2018**

S586m Silva, Jéssica Kallyne Arruda .  
Memórias de velhos no Quilombo vila Teimosa. / Jéssica Kallyne  
Arruda Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

37 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro  
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura  
em Ciências Sociais.

1. Memórias de velhos. 2. Quilombo Vila Teimosa. 3. Velhice e  
identidades. 4. Negros e velhice. 5. Terceira idade. I. Título.

CDU: 316.6-053.9(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626


**JÉSSICA KALLYNE ARRUDA SILVA**

**MEMÓRIAS DE VELHOS NO QUILOMBO DE VILA TEIMOSA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza  
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG

  
\_\_\_\_\_  
Professora Mª Susana Rolim Soares Silva  
Examinadora I – UACIS/CDSA/UFCG

  
\_\_\_\_\_  
Mª Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.  
Examinadora II – UATEC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 20 de dezembro de 2018.

SUMÉ - PB

Aos meus guardiões ancestrais e exemplos de vida, meus bisavós maternos: Teodora M<sup>a</sup> de Arruda e José Paulino de Arruda. E suas filhas: Neusa M<sup>a</sup> de Arruda, M<sup>a</sup> Lourdes de Arruda (*in memoriam*), M<sup>a</sup> Dione de Arruda (*in memoriam*), Valdeci M<sup>a</sup> de Arruda (minha amada avó) e Iraci M<sup>a</sup> de Arruda (*in memoriam*). Agradeço por todo amor me dado, como neta, sobrinha e afilhada. A vocês, todo meu amor e admiração: “*Arruda neles!*”

## AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se encerra. E para dar início a este rito de passagem, venho através desta, expor minha gratidão àqueles que me acompanharam nesta jornada.

Meu reconhecimento aos meus pais, M<sup>a</sup> Sandra Arruda e Judas Tadeu Costa, meus pontos de equilíbrio e exemplos de luta. Aos meus avós maternos, Valdeci M<sup>a</sup> de Arruda e Sebastião Francisco da Silva (*in memoriam*), minhas raízes, e mestres de vida. No colo dela, o maior amor do mundo, nos braços dele, calma, minha maior saudade: “*naquela mesa tá faltando ele, e a saudade dele tá doendo em mim!*”. Ao meu tio Sandro Arruda (Tio Mamá), obrigada por cuidar de mim em minha infância, por todas as fraldas trocadas. Guardar meu lanche da escola para dividir com o senhor me faz querer voltar no tempo, tio geleia. À minha irmã Jenniffer Arruda, que nunca vai deixar de ser aquela loirinha com apenas quatro dentinhos, que me ensina cotidianamente o que é cuidar de alguém. A vocês, toda admiração e amor que houver em minha vida!

Agradeço aos meus familiares, por todo apoio e carinho durante o tempo em que estive fora de Pernambuco. Toda viagem para Caruaru ou Surubim para reencontrá-los, era uma forma de reabastecer minha conexão ancestral. Estar com os Arruda do Algodão do Manso é motivo de felicidade para mim.

Esta pesquisa não seria possível sem os interlocutores, Dona Dina, Dona Francisca e Seu Raimundinho, que gentilmente contribuíram com suas memórias e me ensinaram coisas além dos muros da universidade. A Ana Inácia e Dona Maria Preta, que me acolheram como mães. Sou grata também aos demais moradores de Sussuarana, Vila Teimosa e Areias de Verão, por todo apoio e oportunidade de aprender novos saberes. Também não seria possível minha ida à campo sem a ajuda de Seu Ademar Diniz, pai do meu amigo Wagner Diniz, que gentilmente emprestou sua moto para que pudéssemos realizar nossas etnografias. A ele o meu muitíssimo obrigada!

Minha gratidão aos que compartilham sua jornada junto a mim, aos seres iluminados que tenho a honra de partilhar meus dias, estando eles no Pará, Pernambuco, Ceará ou São Paulo. Distância geográfica nunca foi problema para gente, não é? Obrigada por tudo, Magda Mauro, meu reencontro espiritual, minha inspiração acadêmica, meu porto, que bom que a gente se encontrou!; Jéssica Freitas, a amizade mais leal e justa que eu poderia ter, exemplo de força e paciência, minha gordinha querida; Bruno Figueiroa, meu companheiro de longa data, te agradeço por tanto apoio e cumplicidade durante esses doze anos. Sigamos

evoluindo!; Bia Machado e Leticia Duarte, o nosso apoio tem me dado forças para seguir sempre, obrigada por toda segurança e amparo. Que sigamos vivendo e lutando por nós, e por todas as mulheres! Agradeço por todo acolhimento, fidelidade e amor que tenho recebido. Amo vocês e vida longa às nossas amizades!

Aos meus companheiros que a universidade trouxe: Rairan Almeida, muito obrigada por dividir uma casa e boas risadas comigo. Sinto falta de ti, Scherbatsky, das nossas faxinas ouvindo brega, e das nossas conversas ao som de Bon Iver. Ana Clécia Fernandes, obrigada por todas as nossas crises de risos com bobagens, todos os conselhos e a segurança que me passaste durante o tempo que moramos juntas, Leonina. À Léo Medeiros, Lucas Cavalcante, Rosana Medeiros e Wagner Diniz, pela cumplicidade que criamos durante todo este trajeto. Sou grata por cada noite virada causada pelos estudos, por cada filme que assistimos nas madrugadas, pelas discussões, e confusões por causa dos jogos. O que formamos em Sumé é singular, meus caros!

Gratidão ao meu orientador, Wallace Souza, por toda paciência e compreensão. O senhor me ensinou muito além da academia, levarei sua sensibilidade para a vida. Aos professores da unidade acadêmica de Ciências Sociais e Educação do Campo, por toda dedicação e conhecimento compartilhados em meu processo de formação profissional e pessoal. A professora Sheylla Galvão, por todo apoio, incentivo e carinho. Tornei-me padawan perante aos seus ensinamentos Jedi. Muito obrigada e que a força esteja com você!

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que indireta ou diretamente, se fizeram fundamentais na minha trajetória discente: Aos meus colegas de turma, por todos os momentos incríveis que tivemos, principalmente na reta final de nossa trajetória. A Marenildo Alcântara, que me transportou incontáveis vezes de Sumé à Caruaru. Sueli Bernardo e Ruth Quaresma, que com muito carinho me ajudaram em pesquisas na biblioteca setorial da UFCG. Aos trabalhadores da Zêlo, que sempre estiveram atuando para que nosso campus funcionasse, dentro de limitações orçamentárias, da melhor forma possível.

Silva, Jéssica Kallyne Arruda. **Memória de Velhos no Quilombo Vila Teimosa**. TCC (Monografia). Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACIS/CDSA. Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, 2018.

## RESUMO

A presente monografia é resultado de uma pretensão etnográfica realizada em uma comunidade remanescente de quilombos localizada no município de Livramento, unidade geopolítica situada no Cariri Ocidental Paraibano. Vila Teimosa é uma das três primeiras comunidades quilombolas auto reconhecidas e certificadas na região. Neste sentido, buscou-se compreender a relação da memória coletiva na construção da identidade étnica do referido agrupamento. A pesquisa voltou-se para uma metodologia de coleta de histórias orais de alguns velhos daquele grupo social, uma senhora de 93 anos, sua filha de 65 anos, e um senhor de 65 anos. Em busca da memória coletiva daquele grupo, em relação a sua identidade étnica, optamos metodologicamente que a figura dos velhos se fizesse presente, pois, em uma abordagem funcionalista da memória coletiva, a função do velho é lembrar-se. E para que pudéssemos obter suas lembranças, traçamos estratégias para acionar as memórias através de uma roda de diálogo, onde cada idoso falava de algo de seu passado relacionado a comunidade, fazendo com que um acionasse a memória do outro, promovendo o compartilhamento mútuo. É satisfatório trabalhar com idosos de comunidades tradicionais, e ter a oportunidade de compreender sua experiência social coletiva através da observação participante. As histórias orais que nos foram apresentadas, são elementos formadores de uma identidade coletiva que caracteriza aquele grupo social.

**Palavras-chave:** Memória Coletiva; Identidade Étnica; Velhos; Vila Teimosa



## **ABSTRACT**

This monograph is the result of an ethnographic claim made in a remnant community of quilombos located in the municipality of Livramento, a geopolitical unit in western Cariri of Paraíba. Vila Teimosa is one of the first three self-recognized and certified Quilombola communities in the region. In this sense, it was sought to understand the relation of the collective memory in the construction of the groups's ethnic identity. The research's methodology aimed at collecting oral histories from some of the older members of that social group, a 93-year-old lady, her 65-year-old daughter, and a 65-year-old man. In search of the collective memory of that group, in relation to their ethnic identity, we opted methodologically for the figure of the old people to be present because, in a functionalist approach to collective memory, the function of the old people is to remember. To get their memories, we devised strategies to trigger memories through a round of dialogue, where each senior would talk about something of their past related to the community, causing one to trigger the memory of the other, promoting mutual sharing. It is satisfactory to work with older people from traditional communities and to have the opportunity to understand their collective social experience through participant ethnography. The oral histories presented to us are elements that form a collective identity that characterizes that social group.

**Key words:** Collective memory; Ethnic identity; Old people; Vila Teimosa

## LISTA DE FOTOS E FIGURA

### FIGURA

<b>FIGURA 1:</b> Mapa dos quilombos da Paraíba.....	25
---	----

### FOTOS

<b>FOTO 1:</b> Comunidade remanescente quilombola Vila Teimosa.....	24
<b>FOTO 2:</b> Dona Dina e Jéssica Kallyne.....	27
<b>FOTO 3:</b> Fundadores da Vila Teimosa: Dona Dina e Seu Ivanildo.....	28
<b>FOTO 4:</b> Seu Raimundinho e Jéssica Kallyne.....	30
<b>FOTO 5:</b> Dona Chica e Jéssica Kallyne.....	32
<b>FOTO 6:</b> Sabão de oiticica.....	34

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ADCT:** Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

**CRQ'S:** Comunidades Remanescentes de Quilombos.

**FCP:** Fundação Cultural Palmares.

**PB:** Paraíba.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. MEMÓRIA.....</b>	<b>15</b>
2.1 Bergson e a concepção de memória.....	15
2.2 A Memória Coletiva de Halbwachs.....	16
2.3 Ecléa Bosi e a Memória dos velhos.....	17
<b>3. MEMÓRIAS DO TRÁFICO TRIANGULAR NEGREIRO.....</b>	<b>18</b>
3.1 Memórias da escravidão no Brasil.....	19
3.2 Quilombos, memória ativa da luta do povo negro.....	21
<b>4. IDENTIDADE QUILOMBOLA E MEMÓRIAS EM VILA TEIMOSA.....</b>	<b>24</b>
4.1 Memórias da ocupação do território.....	25
4.2 Memória e identidade quilombola.....	28
4.3 “Quando eu me pego a pensar, eu me lembro muita coisa”.....	31
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A memória é compreendida no meio social como capacidade que as pessoas sentem de acessar o passado através de sua mente, objetos, signos, ambientes, sons, cores, sabores, cheiros, entre outros. A memória é democrática, todos conseguimos, em boas faculdades mentais, tê-la, seja individualmente ou coletivamente.

Quando reencontramos um objeto esquecido a muitos anos o sentimento de retorno espacial, temporal e emocional nos trazem de volta aquele espaço tempo, e nos fazem refletir o lugar social que ocupávamos na época. Como por exemplo, quando um adulto reencontra em uma caixa na garagem seu brinquedo favorito da infância, isto o faz refletir a época passada, o lugar social que ocupava em comparação ao que ocupa hoje em dia, emergindo e acionando recordações nos campos afetivos, políticos, sociais e de experiência nas relações sociais concretas.

O campo etnográfico dessa pesquisa é a comunidade quilombola Vila Teimosa, localizada na área rural do município de Livramento, microrregião do Cariri Ocidental Paraibano. A comunidade conta com dez famílias habitando seu território. Partindo das memórias de três velhos da comunidade remanescente de quilombo Vila Teimosa, buscamos compreender a seguinte problemática: Como a memória coletiva influencia na construção identitária étnica desta comunidade?

Esta monografia busca compreender como a memória coletiva influencia na construção identitária étnica desta comunidade. Para isso, destacaremos a relação entre memória e identidade étnica na comunidade, identificaremos qual a relação entre memória e ocupação territorial e registrar algumas histórias em relação a memória e as interações sociais daquela comunidade.

Este trabalho é de natureza qualitativa em um viés etnográfico. A pesquisa contou com três colaboradores, que contribuíram com suas memórias na construção deste trabalho: Francisca Osana da Conceição (Dona Chica), 93 anos. Enedina Alves da Silva (Dona Dina), 65 anos e Raimundo Domingos Ferreira (Raimundinho), 65 anos. Brevemente, explanaremos acerca dos nossos interlocutores pesquisados.

Dona Chica, mãe de Dona Enedina, trabalhou durante muitos anos na “luta” da cozinha. Em suas falas, sempre remete ao passado com saudosismo, visto que para ela o tempo bom era na terra de Marcelo Vilar, morando em sua casinha de tijolo, torrando seu café, que era sentido a “uma légua” de distância.

Dona Dina, nascida em 25 de abril de 1953, esposa de seu Zé Ilton, remete ao passado a sua saudade da época em que era aluna de Dona Dejanira, sua primeira professora. Gosta de lembrar da época de inverno, quando ia tomar banho na água corrente e pegar peixe no riacho de Sussuarana.

Seu Raimundinho, nascido em 02 de fevereiro de 1954, nascido no brejo paraibano e criado na zona rural de Livramento, mora na Vila Teimosa há mais de trinta anos. Otimista com os dias atuais, rememora com seu olhar histórico as estratégias de convivência humana com o semiárido. Nos conta a receita da fome na época da seca: semente de macunã pisada no pilão, lavada em nove águas, “não oito, não dez, nove águas”, para depois fazer o cuscuz.

Foi realizada entrevista com grupo focal entre os interlocutores acima citados. Pois, tratando-se de memória coletiva faz-se necessário que as lembranças sejam acionadas e emergidas coletivamente, assim, diversas provocações por parte da pesquisadora foram feitas para que isso acontecesse: fazia uma pergunta a um interlocutor, na hipótese do outro acionar também sua memória, visto que ambos moram a muitos anos na mesma comunidade. Esta hipótese foi confirmada, a partir do momento em que lacunas de uma memória foram preenchidas pela memória do outro. Como também lembranças antigas foram ressignificadas a partir da memória do outro.

A história oral foi utilizada para a coleta de dados, como forma de mapear as histórias locais. De maneira holística, o trabalho de apreensão da oralidade naqueles espaços e deu como forma a pensar suas categorias nativas, que dominam as experiências de vida daquele coletivo. Principalmente no que tange o campo das conexões de memória e suas extensões nos teares sociais aos quais os sujeitos tecem suas ligações cotidianamente. Ou seja, as vidas daqueles sujeitos compreendidas dentro das suas oralidades.

Por meio da análise de discurso, identificou-se no campo quais os tipos de relações e ações que os sujeitos fazem parte e estão imbuídos, respectivamente. Perceber as significações que os sujeitos dão em relação a parcialidade e a totalidade de sua vida social. Ou seja, constatar a função das palavras que serão expressadas e seus significados.

Para alcançar o seu objetivo central, esta monografia encontra-se organizada em 3 sessões. Na primeira, são apresentados alguns princípios acerca da Memória, na perspectiva de três autores: Henri Bergson, Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs. Na segunda sessão, são trabalhados os conceitos históricos da memória da escravidão e da ressemantização do quilombo. A terceira sessão é direcionada à parte etnográfica da pesquisa, tratando a respeito da identidade e da memória experimentadas por aqueles sujeitos.

## 2. MEMÓRIA

Memória, do latim *memoria*, em seu termo dicionarizado pode ser caracterizada pela faculdade de retenção de ideias, ato de lembrar, ou dispositivo físico de uma máquina, como computador, por exemplo, que serve para armazenamento e uso de dados. Para além de termos lexicografados, percebemos que a memória tem um papel fundamental na vida humana, ela é responsável por nossa ligação direta com as experiências do passado. Este passado que por nós, muitas vezes é nutrido, incorporado e levado à ressignificação.

Nesta sessão veremos o que alguns autores refletem acerca da memória, através de seus conceitos. E como esta multiplicidade de pensamentos compreende, através dos idosos, a vida social na comunidade quilombola Vila Teimosa. Pensadores como Ecléa Bosi, Henri Bergson e Maurice Halbwachs nos dão o arcabouço teórico para pensar a memória como categoria social, e como ela se faz presente no nosso campo de pesquisa. Desde a lembrança da torra de café, até a lavagem de roupas à beira do açude.

### 2.1 Bergson e a concepção de memória

Henri Bergson<sup>1</sup>, um dos primeiros estudiosos da teoria da memória, a definia como conservação do passado. No entanto, para ele, tal memória não age de forma homogênea, pois, existem duas maneiras do passado se conservar no ser humano: a primeira se caracteriza pelo corpo, através dos hábitos, e a segunda, por algo que independe deles, as lembranças independentes.

Em sua teoria, o autor afirma que a repetição cotidiana de palavras, gestos e ações, condicionam nosso corpo ao hábito. Nossos mecanismos corporais armazenam atos repetitivos, como escrever, andar, comer, dentre outros para que possa repeti-los quando necessário. E é a partir disto que o autor define a primeira conceituação de memória, diretamente ligada ao desempenho motor e repetitivo do corpo humano que aciona o passado em seus atos.

---

<sup>1</sup> Filósofo francês nascido em Paris em 1859. Professor de filosofia na Collège de France, premiado em 1927 com um prêmio Nobel de Literatura, Bergson consolida seu pensamento através de diversos conceitos. Um deles é o estudo sobre a memória publicado em 1896, intitulado: *Matéria e Memória*.

Nosso corpo ocupa o centro. As coisas que o cercam agem sobre ele e ele reage a elas. Suas reações são mais ou menos complexas, mais ou menos variadas, conforme o número e a natureza dos aparelhos que a experiência montou no interior de sua substância. É portanto na forma de dispositivos motores, e de dispositivos motores somente, que ele pode armazenar a ação do passado. (BERGSON, 1999, p.82)

Desta maneira, o sistema motor do nosso corpo é condicionado cotidianamente a praticar múltiplas ações, até que estas sejam realizadas sem que as percebamos de forma consciente, naturalizando este processo. Muitas vezes somos surpreendidos neste processo, quando nos percebemos praticando determinada ação de forma inconsciente.

A segunda forma de memória, são as lembranças que independem de hábitos, caracterizando-se pela atualização de uma lembrança pura, livre das amarras do mecanicismo, responsável pela singularidade de momentos, evocada por meio da memória.

Esta só reteve do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente. (BERGSON, 1999, p.89)

Assim, podemos concluir que, memória, para Bergson, é aquela que não sofreu a mecanização cotidiana, que não foi transformada em hábito corriqueiro.

## 2.2 Memória Coletiva de Halbwachs

Maurice Halbwachs<sup>2</sup> é o primeiro a conceituar a memória em duas dimensões: a individual e a coletiva. *“Portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias”* (HALBWACHS, 2003, p.71).

Para ele, a memória individual consiste na evocação do passado, nas próprias lembranças do indivíduo, de forma una. E a memória coletiva refere-se a um conjunto de memórias individuais que a formam, com sentido de reconstituição do passado de um grupo

---

<sup>2</sup> Nascido em Reims, França, em 1877, dedicou-se ao estudo do direito, economia, política e estatística. Halbwachs foi ex-aluno de Bergson no Liceu Henri IV, no entanto, rompera com sua formação filosófica e para dedicar-se à (até então recente) Sociologia. Em março de 1945, durante a segunda guerra mundial, foi morto pelos nazistas no campo de concentração de Buchenwald.



social, e que não precisam estar necessariamente presentes para que se possa recordar. Sobre esta relação de memória individual e memória coletiva, o autor discorre:

Para que esta memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstituída numa base comum. (HALBWACHS, 2003, p.39)

Partindo para uma abordagem distinta de Bergson, onde o passado era guardado no espírito humano, para Halbwachs há uma predominância do social sobre o individual.

Halbwachs desdobra e em vários momentos refina a definição de seu mestre, Émile Durkheim: “Os fatos sociais consistem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem”. A mudança de visada se dá na própria formulação do objeto a ser apreendido: Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os “quadros sociais de memória”. (BOSI, 1994, p.54)

Desta forma, podemos observar que, segundo Halbwachs *apud* Bosi (1994), a memória do indivíduo já não estará ligada apenas ao seu individual, pois, ele depende diretamente de suas relações interpessoais, como na família, em classes sociais, interações em espaços religiosos, ambientes profissionais, ou escolares, etc. As relações sociais dos indivíduos influenciam diretamente em sua memória, “*Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: “O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam”*”. (BOSI, 1994, p.55).

Concluimos, portanto, que a memória coletiva em Maurice Halbwachs tem a função social de ir além da lembrança. Ela evoca as relações sociais de um passado e os ressignifica no presente de uma comunidade, cria a identidade de um povo.

### 2.3 Ecléa Bosi e a Memória dos velhos

Ecléa Bosi<sup>3</sup> em sua obra intitulada *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos* inicia seu pensamento acerca da temática, delimitando e contextualizando a realidade social

---

<sup>3</sup> Nascida em São Paulo em 1936, foi professora de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Durante sua trajetória acadêmica, escreveu importantes obras: *Cultura de massa e cultura popular e Velhos amigos*. Durante boa parte de sua trajetória dedicou-se a militância ambiental. Faleceu em julho de 2017.

pesquisada, a cidade de São Paulo, em uma sociedade industrial do século XX. Contada em seu passado através das narrações das memórias de quatro homens e quatro mulheres, com idades superiores a setenta anos. A autora afirma que o conteúdo de seu livro não busca fazer uma amostragem. A pretensão é buscar a memória pessoal dos entrevistados, e através dela a memória social, grupal e familiar (BOSI, 1994, p.37.).

Tratando-se do estudo da memória coletiva daquela sociedade, utilizando a memória dos velhos para a compreensão do passado, Bosi (1994) concorda com o pensamento de Halbwachs em relação a funcionalidade social exercida pelo sujeito que lembra. Que no caso de sua pesquisa é a figura do velho.

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar (BOSI, 1994, p.63).

No entanto, a autora faz uma ressalva em relação a esta função social do velho. Ela afirma que isto não é fator unânime, que nem toda sociedade direciona ao velho a incumbência de preservar suas memórias. *“Nem toda sociedade espera, ou exige, dos velhos que se desencarreguem dessa função [...] os graus de expectativa ou de exigência não são os mesmos em toda parte.”* (BOSI, 1994, p.63).

Para a autora, a velhice além de ser destino para o ser humano, é uma categoria social. E a sociedade industrial, afirma Bosi (1994), *“é maléfica para a velhice”*. Em sua obra a categoria memória é utilizada para analisar uma sociedade de classes, onde os sujeitos que antes eram trabalhadores fabris, tornaram-se obsoletos em suas funções, com o passar de seu tempo biológico. Diante disto, podemos notar que em uma sociedade capitalista há uma rejeição do velho, daquele que não mais é mão de obra para o sistema quando este não possui mais a sua força de trabalho.

### 3. MEMÓRIAS DO TRÁFICO TRIANGULAR NEGREIRO

Entre os séculos XVI e XIX, as Américas foram colonizadas por europeus. Na América do Norte, a colonização se dava por um modelo de povoamento, em contraponto, o modelo de colônia na América do Sul estava sob caráter exploratório (GOMES, 2015).

Neste processo de colonização, realezas, líderes religiosos, agricultores, dentre outros, eram vítimas do tráfico negreiro, ou chamado “*tráfico triangular*”<sup>4</sup>. Segundo (WILLIAMS *apud* MOURA 2004, p. 399), a importância do tráfico negreiro, em uma sociedade capitalista, não poderia ser explicada apenas pelo fluxo de escravos africanos, e sim, por meio de uma triangulação de tráfico.

Nesta configuração havia um sistema regulador e controlador comercial. O monopólio comercial, França, Inglaterra e América colonizada ofereciam as embarcações e exportações (seda, pólvora, escopetas, barras de chumbo, dentre outros), ao passo que a África fornecia a “*mercadoria humana*” (*ibid*). Moura (2004, p.399), afirma que na Inglaterra ocorreu uma ramificação do sistema capitalista, denominado capitalismo negreiro, onde empresas de construção naval impulsionavam o crescimento de cidades como Liverpool, Glasgow e Bristol, que se expandiram em torno deste modelo de capital.

[...] Esse conglomerado de pequenas empresas industriais era o pólo muniador da primeira etapa do tráfico triangular: a troca dessas mercadorias por seres humanos na África. A segunda parte era a troca desses seres humanos por mercadorias produzidas nas colônias. A terceira parte consistia na troca dessa mercadoria por dinheiro nas metrópoles [...]. (MOURA, 2004, p. 399)

Com isto percebemos que o processo de captura e deslocamento de nações africanas para o continente americano se configuravam em interesses econômicos e políticos. A espoliação de mão de obra escravizada, era uma forma de aumentar os lucros do mercantilismo colonial da época. Perceberemos, a seguir, que este fenômeno também aconteceu no Brasil, e que suas consequências se arrastam até os dias atuais.

---

<sup>4</sup>“Conceito criado pelo historiador Eric Williams, no livro *Capitalism and Slavery*, que explica como o tráfico negreiro contribuiu de forma substantiva para a acumulação primitiva do capital nas metrópoles que praticavam tal tipo de comércio. (MOURA, 2004, p. 399)

### 3.1 Memórias da escravidão no Brasil

No Brasil, a Companhia do Grão-Pará e Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba formam principais locais de monopolização comercial portuguesa. Segundo Dias (*apud MOURA, 2004*), o impulso da política colonial do mercantilismo português data da administração pombalina no século XVII, inspirada no modelo mercantilista londrino.

A sociedade colonial brasileira escravizava e explorava a mão de obra de indígenas e massivamente de povos africanos. Estes últimos chegavam de diferentes localidades da África, como Alta Guiné, Sene Gâmbia, Daomé, Oyo, Ndongo, Ketu, dentre outros (GOMES, 2015). Os escravizados eram transportados em navios denominados “*tumbeiros*”<sup>5</sup>. O poeta abolicionista Castro Alves<sup>6</sup>, em seu poema chamado “*O navio negreiro*” demonstra através de sua poesia as condições de desconsideração pelas vidas humanas que ali se encontravam, e o caos que se estabelecia nos porões dos navios.

[...] Ontem a Serra Leoa, a guerra, a caça ao leão, o sono dormido à toa, sob as tendas d’amplidão! Hoje... o porão negro, fundo, infecto, apertado, imundo, tendo peste por jaguar... E o sono sempre cortado pelo arranco de um finado, e o baque de um corpo ao mar... [...] (ALVES, 2013, p. 17).

Ao chegar em solo brasileiro, os negros escravizados eram obrigados a trabalhar em fazendas e engenhos, cultivando cana de açúcar e café. Lidavam com a extração de minerais preciosos, como ouro e prata, na construção de cidades, com a agricultura e pecuária. A grande quantidade de trabalho era proporcional ao recebimento castigos e maus-tratos sem cessar (GOMES, 2015).

Eram diversas as maneiras de rebelião daqueles que sofriam as duras penas da escravidão, as fugas e a lentidão da execução das tarefas diárias misturavam-se à intolerância de seus senhores e a violência dos feitores. Segundo Gomes (2015), talvez fugir fosse a forma mais comum de protesto contra os castigos. Os escravizados escapavam para cidades, áreas rurais, onde muitas vezes as condições de sobrevivência eram dificultosas, os obrigando a mudar de lugar constantemente. Outro tipo de experiência de escapatória eram

---

<sup>5</sup>“Embarcação construída especialmente para o transporte dos africanos escravos da África para o Brasil. O nome originou-se, evidentemente, do vocábulo “tumba” (sepultura), devido ao grande número de mortes durante a travessia.” (MOURA, 2004, p. 404.)

<sup>6</sup>Nascido na cidade de Curralinho-BA em 1847, Antônio Frederico de Castro Alves, mais conhecido como Castro Alves, estudou direito no Recife. Em meados da década de 1870 participou ativamente do movimento abolicionista no Brasil, por isso foi denominado Poeta dos escravos.

as comunidades formadas por aqueles que se evadiam, onde era criada uma base econômica e estrutura social própria. (GOMES, 2015).

### 3.2 Quilombos, memória ativa da luta do povo negro

Na época colonial, comunidades formadas por escravos fugidos eram denominadas *mocambos*<sup>7</sup> e *quilombos*. Tais termos, de origem da África Central, eram utilizados para denominar “*acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apresamentos de escravizados.*” (GOMES, 2015, p.9). Schwartz, (*apud* GOMES, 2015, p.10-11), afirma que ao longo do século XVII, nas documentações coloniais, foram intituladas mocambos (regiões da Bahia) e quilombos (em Minas Gerais), em Pernambuco a palavra quilombo surgiu em 1681. Desta forma, somente a partir do século XVII, a significação do termo mocambo teria se transformado em quilombo.

O antropólogo Alfredo Wagner de Almeida<sup>8</sup> em seu texto *Quilombos e as novas etnias* afirma que a definição do que venha a ser um quilombo é de referência ao período colonial brasileiro. Por meio de documento enviado ao rei de Portugal, João V, o Conselho Ultramarino de 1740 definiu o quilombo como “*toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos e nem se achem pilões nele*” (ALMEIDA, 1999). Para o autor, estes cinco elementos conceituais coloniais fizeram com que, no passar dos anos, a significação do quilombo tivesse seu sentido “*frigorificado*”. Esta analogia nos demonstra que foi construído no imaginário social uma definição singular do que seria um quilombo a partir desta concepção colonializada.

Nesse contexto, por que aqui o uso do termo “*frigorificado*” é aplicado? Partindo de um modelo de Almeida (1999) onde a analogia entre uma câmara frigorífica, levando em consideração a concepção de isolamento e congelamento, são análogas metaforicamente a concepção ultramarina do espaço social histórico no viés colonizador do quilombo. Frigorificado, para o autor é aquele que resiste as mudanças temporais, que não permite a mudança física e suas acepções. Frigorificar o quilombo é desconsiderar a temporalidade histórica, que perpassa seu território e os sujeitos que o ocupam, os isolando em um bloco de gelo colonial.

---

<sup>7</sup> Estruturas para erguer casas. Schwartz (*apud* Gomes, 2015, p.11).

<sup>8</sup> Antropólogo, professor e pesquisador da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Trabalhando em áreas como: povos tradicionais, etnicidade, e processos de territorialização.

Segundo Almeida (1999), este sentido dado ao quilombo se arrastada aos dias atuais de forma generalizada. Apreendido como local de fuga de ex-escravizados, que tivesse cotação mínima de ocupação, isolado geográfico e por consequência socialmente, e que tal isolamento seria ideal para que aqueles sujeitos “não civilizados” estivessem próximos à um mundo que, lhes foi designado como naturalmente seu, o mundo selvagem, com um tipo de moradia específica para aquela realidade e autoconsumo alimentar.

Esta concepção frigidificada se reflete também em relação a ocupação fundiária dos territórios quilombolas. Ela congela qualquer realidade territorial que não seja análoga ao Quilombo dos Palmares<sup>9</sup>. No entanto, como demonstra Gomes, (2015), existiram diversas outros tipos de formação de uma comunidade quilombola, no que se refere ao seu território:

Atualmente são tanto as terras herdadas de quilombolas/ escravos fugidos e seus descendentes da escravidão como aquelas de doação de senhores ou ordens religiosas a ex-escravos; terras compradas por libertos e herdadas pelos seus descendentes; terras conseguidas do Estado em troca de participação em guerras ou ainda de inúmeras migrações de libertos e suas famílias no período imediatamente pós-emancipação (GOMES, 2015, p. 129).

Com isso, nos é demonstrado que a significação do quilombo é tão múltipla quanto a sua variedade de ocupações territoriais. A história destes espaços ocupados por sujeitos que foram escravizados também é múltipla. E por diversas vezes é reduzida a um padrão que generaliza e tornam vagas as demais ocupações territoriais quilombolas, vista apenas como local de negros que fugiam de seus senhores e isolavam-se na mata.

Podemos observar, a partir de Almeida (1999), outro modelo fundiário, o quilombo de Frechal<sup>10</sup>, que se diferencia do modelo de palmarino, pois, suas terras foram obtidas através de doação do latifundiário. Seu espaço físico situava-se a 100 metros da casa grande, pois, os proprietários do imóvel rural queriam destruir o quilombo e traze-lo para dentro de seu imóvel. No entanto, algum tempo depois, queriam expulsá-lo daquele espaço. Assim, afirma Almeida (1999) este dualismo de fora e dentro do espaço da grande propriedade

---

<sup>9</sup> “Quilombo mais famoso, a República de Palmares que existiu durante o século XVII ou possivelmente no final do século XVI, (ALVES FILHO *apud* MOURA, 2004, p.335), na região que pertence hoje ao território do estado de Alagoas, mas que, no tempo de sua existência, fazia parte da capitania de Pernambuco. ” (MOURA, 2004, p.335)

<sup>10</sup> Comunidade quilombola situada no estado do Maranhão, cujas terras foram asseguradas através do Decreto Federal n.56 de 20 de maio de 1992, que criou a Reserva Extrativista Quilombo de Frechal. (ALMEIDA, 1999, p.65)

desencarna-se da concepção de dentro/fora, tornando-a uma situação social de autonomia. Diferentemente daquela que observamos na referência do Conselho Ultramarino.

Desde o fim da escravidão em 1888, a semântica do termo quilombo vem sendo ressignificada. Nas décadas de 1960 e 1970, a militância negra apropriou-se do quilombo como modo de representação de suas lutas políticas, como meio de resistência contra as opressões sofridas na época da ditadura (GOMES, 2015). Desta forma, o quilombo passou a ser sinônimo de resistência, local de revolução e luta contra a opressão. Após o processo de redemocratização do Brasil, em 1988, a constituição federal por meio do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) dispõe que “*Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.*”

A partir deste texto jurídico percebemos que há uma nova terminologia referindo-se ao quilombo: *remanescentes*. Que em seu termo dicionarizado significa: aquilo que resta.

#### 4. IDENTIDADE QUILOMBOLA E MEMÓRIAS EM VILA TEIMOSA

Nesta sessão contaremos com a contribuição da memória coletiva dos nossos interlocutores, para a compreensão a respeito da construção da identidade quilombola em Vila Teimosa. Três foram idosos que nos ajudaram nesta pesquisa: Francisca Osana da Conceição (93 anos), sua filha Enedina Alves da Silva – Dona Dina (65 anos), e Raimundo Domingos Ferreira - Seu Raimundinho (65 anos). Todos afirmam morar a mais de 30 anos na comunidade de Vila Teimosa.

##### FOTO 1: Comunidade remanescente quilombola Vila Teimosa



Fonte: Acervo, Edjane e Socorro. 2018

Acima, vemos a comunidade quilombola de Vila Teimosa, localizada na zona rural do município de Livramento, Cariri Ocidental Paraibano. Atualmente conta com o número de 10 famílias que fazem parte do seu território. Muito se é questionado acerca da denominação da comunidade, inclusive foi a primeira pergunta da pesquisadora ao chegar até seu interlocutor: Por que Vila Teimosa? Segundo Seu Raimundinho, o nome foi designado devido à teimosia das pessoas que lá habitavam.

Em 07 de julho de 2008 a comunidade, junto à Fundação Palmares, iniciou seu processo de auto reconhecimento para a obtenção de certificação. Em 09 de dezembro do



mesmo ano, teve sua certificação conquistada enquanto comunidade remanescente quilombola, conforme processo nº 01420.001965/2008-05 na Fundação Cultural Palmares. Outras duas comunidades vizinhas foram certificadas junto à esta pela FCP no estado da Paraíba, sob o mesmo número de processo: Areias de Verão e Sussuarana. O mapa a seguir mostra as comunidades remanescentes de quilombos do estado da Paraíba, em destaque a comunidade de Vila Teimosa, campo etnográfico desta pesquisa.

**FIGURA 1: Mapa dos quilombos da Paraíba**



Fonte: Blog Quilombos da Paraíba. 2018.

#### 4.1 Memórias da ocupação do território

Para que pudéssemos compreender o processo de ocupação territorial da comunidade remanescente quilombola de Vila Teimosa, acionamos a memória dos nossos interlocutores. O primeiro questionamento consistia em saber o início da experiência de cada um enquanto habitante daquela localidade. A seguir, trechos de depoimentos dos interlocutores:

Eu morei na Sussuarana com minha mãe, depois eu casei e morei na rua, da rua vim pra cá. Morei numa casinha acolá e dali vim pra cá e aqui mesmo fiquei. Só não me lembro o ano... (Entrevista com Dona Dina em 25/11/2018.)

Eu nasci no brejo, mas só fiz nascer mesmo, Vim muito pequeno pra cá. Morei em Sussuarana na época de solteiro, depois que casei me mudei pra cá. (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

Posteriormente questionamos sobre o antigo proprietário da terra, e a chegada dos demais sujeitos que ali se estabeleceram com o passar dos anos. Para isto, direcionamos estrategicamente nossa questão a primeira moradora de Vila Teimosa, Dona Dina, que nos respondeu da seguinte forma:

O primeiro dono foi a gente mesmo... O primeiro dono era Manoel Ferreira. Aí foi ele que deu um pedaço pra mim. Aí fizemos uma casinha de vara, aí um homem deu umas telhas e nós cobrimo, depois fizeram a casa, e de lá pra cá nós ficamos aqui. Os outros morador... primeiro ele deu a gente logo, depois os o to queria e ia pedir a ele. Aí ele dizia: Vá lá em comadre Dina mais compadre Ivanildo, se eles aceitar vocês lá, aí pode ficar. Aí pronto. Ai eles vinham falar com a gente e a gente não... é tudo familia... Não... fica aí... aí aceita. Aí fundemo a Vila aqui. Hoje nós tamo por aqui nessa Vila. (Entrevista com Dona Dina em 25/11/2018.)

Percebemos assim, que a ocupação desta comunidade remanescente quilombola foge totalmente à designação do conselho Ultramarino de 1740. Sua acepção a respeito da formação característica de quilombo, enquanto habitação de negros fugidos, não se aplica a esta realidade, visto que o processo de ocupação territorial se deu na forma de doação fundiária, como bem nos aponta Schmitt, Turatti e Carvalho, (2002): as CRQ'S foram constituídas a partir de diversas realidades, heranças, doações, pagamentos de serviços prestados ao Estado, dentre outros.

Vale destacar aqui a existência de dois ciclos donativos específicos neste caso fundiário de Vila Teimosa. O primeiro deles, ocorre com a doação de determinada parcela de terra por parte do proprietário Manoel Ferreira, para Dona Dina. O segundo movimento percebido é a concessão de parcelas desta terra, por parte de Dona Dina, a algumas pessoas que a recorreram em busca de um local para ter as mínimas condições de viver, visto que não tinham um pedaço de terra para se estabelecer. Percebemos, então, que a memória coletiva que estes sujeitos compartilham nos fazem refletir a ocupação territorial quilombola. Sendo o território de Vila Teimosa compreendido como primeiro elo de articulação política

daquela comunidade. A luta pela terra, por parte daqueles que eram expropriados, e que logo em seguida, através de doação conseguem seu espaço. Ao mesmo tempo em que há uma identidade comum entre os sujeitos, entre aquele que recebera a doação (Dona Dina) e aqueles aos quais ela se identifica, (os demais moradores da Vila Teimosa) e por isso doa parte do que fora lhe doado, porque ela já ocupou aquele espaço de expropriação territorial. Segue abaixo a foto de Dona Dina.

**FOTO 2:** Dona Dina e Jéssica Kallyne.



**Fonte:** Acervo, Jéssica Kallyne. 2018.

Questionamos o outro lado da ocupação territorial de Vila Teimosa, aqueles aos quais Dona Dina doou pequenos pedaços de terra. Questionamos Seu Raimundinho, e através de sua memória coletiva recria para nós, oralmente, como aconteceu este processo:

Através dela, de Enedina, como ela falou, né? Por que a primeira daqui a fundadora daqui foi ela, né? Ela e Ivanildo. E através dela, como as pessoas não tinham um... não tinha terra, essas coisas toda, era morador, então chegava e falava a seu Mané, e seu Mané mandava falar com eles pra...

Porque seu Mané não queria botar pessoas pra que as pessoas houvesse algum problema e culpasse ele, né? Aí dizia: não! Fale lá com Vanildo mais Dinha, se eles aceitar, faça lá, sua casinha lá. Então a gente fez isso aqui era umas casa de taupa,, umas pra frente, umas pra trás era de todo jeito, sabe? (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

**FOTO 3:** Fundadores da Vila Teimosa: Dona Dina e Seu Ivanildo.



**Fonte:** Acervo, Jéssica Kallyne. 2018.

Podemos notar que sua memória coletiva é articulada com a percepção de Dona Dina, em relação ao processo ocupacional deste grupo social. Eles nos remontam e ressignificam suas experiências coletivas na busca pelo acesso à terra.

#### **4.2 Memória e identidade quilombola**

A memória é o eixo da construção da identidade dos sujeitos. O ato de lembra-se, faz com que haja a reafirmação da identidade. A ausência de memória faz com que eles não se reconheçam enquanto parte de um todo, buscando em identidades externas percepções para se auto reconhecer.

Nesta sessão, contaremos com a contribuição de Seu Raimundinho para nos explicar qual a relação entre a construção de sua identidade étnica quilombola e a memória coletiva de Vila Teimosa. Para isso, partimos da seguinte questão: o senhor é quilombola, Seu Raimundinho? E prontamente obtivemos a seguinte resposta:

Rapaz... eu acredito que não... eu acho que não... por que o quilombola é como diz a história do outro, só se for assim muito, muito longe. Porque... até porque eu acho que somos todos irmãos. Quer queira, quer não queira, somos filhos de Adão e Eva. Mas se for falar disso aí mesmo, eu vou dizer uma coisa: eu não me considero não! Porque não é porque eu não sou branco, né? Mas nem todo moreno pode ser nego também, ne? Nego é nego! É aquela história que diz, que só o nego que tem cabelo pixaim. Meu cabelo não é bom também, mas nego mesmo, as características do nego é muito diferente das pessoas morena, né? (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

Apesar de morar em uma comunidade remanescente quilombola há mais de 30 anos, seu Raimundinho está em oposição a esta identidade. É notório que ele utiliza de um discurso externo para rejeitar aquilo que remete a sua memória coletiva: o ser quilombola. O elemento diacrítico, a cor da pele, é a chave que aciona este não auto reconhecimento étnico. O que podemos denominar, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1999), de identidade contrastiva, aquela em que é afirmada em uma relação de oposição. Ou seja, neste caso de Vila Teimosa, percebemos que a identidade quilombola, é contrária a identidade dos nossos interlocutores. Ela é negada para dar lugar a afirmação de outra identidade, a qual o ser quilombola não a compõe.

No que se refere à identidade étnica, Barth (*apud* CANDAU, 2016, p.18) afirma que a mesma é construída a partir do aspecto relacional de diferenças, daqueles sujeitos se identificam entre si, porque existem outros aos quais eles não têm identificação. Podemos perceber em nosso campo de pesquisa a presença da ideia de fronteira Inter Étnica do autor, que está diretamente ligada a isto: sujeitos que afirmam sua identidade étnica a partir da diferença estabelecida entre eles e aqueles que estão fora do seu grupo. Os sujeitos afirmam, ou negam, uma identidade a partir da distinção que se estabelece entre suas relações sociais externas.

Para Silva (2013), a identidade é uma relação de poder, e assim como a diferença, ambas são relações sociais. Através do depoimento de nosso interlocutor percebemos que em nosso campo etnográfico que o ser quilombola se encaixa em um padrão já instituído. E com isto tal padrão não é definido, e sim, imposto. Assim, podemos afirmar que a memória



está diretamente ligada às relações sócio-políticas que fazem com que alguns sujeitos não se identifiquem com o grupo social ao qual fazem parte. E que este processo não é natural, é socialmente construído, pois, percebemos que os elementos de não identificação dos sujeitos enquanto quilombolas, estão diretamente ligados à elementos diacríticos de sua memória. Elementos estes que pudemos observar durante a nossa pesquisa, os sujeitos buscavam em sua memória elementos comuns para negar uma identidade étnica.

**FOTO 4:** Seu Raimundinho e Jéssica Kallyne.



Fonte: Acervo, Jéssica Kallyne. 2018.

Continuando sua fala a respeito da identidade quilombola, Seu Raimundinho nos conta as características de uma pessoa negra:

Primeiro: os lábios, que chama beço. (Risos de Seu Raimundinho). O povo mais antigo chamava de beço, gamela virada. A roda dos olhos vermelho. O cabelo a prova d'água, aquele que não penetra água, fica por cima. Também você não vê ponta nele não, é enrolado. E isso aqui do pé... essa

boneca (referindo-se ao calcanhar) passa aqui do rejeite, né? Isso são as características do nego. E preto, preto da cor de uma panela. (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

Percebemos na fala de Seu Raimundinho que as questões fenotípicas são preponderantes. Elas buscam legitimar sua negação de identidade quilombola, já que esta, para ele, é uma condição apenas de negros que possuem as características acima citadas. E que conseqüentemente não fazem parte da sua identidade.

A identidade quilombola é uma identidade política, pautada em lutas socioculturais e territoriais estabelecidas por sujeitos que tiveram seus direitos ceifados durante séculos no Brasil. A perda da memória coletiva em relação a sua identidade comum, aumenta a possibilidade de esquecimentos sociais. A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 2002, p.5). No caso da memória coletiva de Vila Teimosa, o sentimento de pertencer aquela identidade étnica ainda não foi acionado. Percebemos que há um discurso por parte dos sujeitos, de afastamento identitário, no que se refere ao ser quilombola. Há a predileção para que se negue esta identidade.

#### **4.3 “Quando eu me pego a pensar, eu me lembro muita coisa”**

A frase a cima citada corresponde à Francisca Osana da Conceição, mais conhecida como Dona Chica. Em nosso primeiro contato em campo foi quase impossível não perceber que a idosa lacrimejava bastante. E antes que pudéssemos pergunta-la se estava bem, Dona Chica nos contou o motivo de seu excesso de lubrificação ocular: a torra do café.

Eu pego a pensar, ainda me lembro muitas coisas desse tempo pra trás.. Mas já to velha, já! Eu torrava café pro povo, eu me lembro, eu tenho lembrança porque eu desgracei meus olho foi assim! Meus olho só veve assim. O povo pensa que eu vivo chorando. Mai, mai, não é, é...é... aquela doença dos olho. Po mode eu vi lutar assim com muita quentura em beira de fogo. (Entrevista com Dona Chica em 25/11/2018.)

**FOTO 5:** Dona Chica e Jéssica Kallyne.



Fonte: Acervo, Jéssica Kallyne. 2018.

Dona Chica trabalhou durante muitos anos torrando café em Vila Teimosa, torrava para si e para quem pedisse. Apesar de não realizar esta atividade há um bom tempo, ainda podemos perceber em sua fala, em seus gestos, o quão importante para ela e para os demais esta ação significava. Observamos este momento como espaço de socialização das pessoas:

Pegava a semente de café e pisava no pilão. Eu achava era bom torrar café, pegava o caco de barro e no fogo e colocava o café, mexia, mexia, mexia, Quando tava ficando preto eu não deixava porque o café ficava ruim. Aí eu pisava no pilão sentada assim no chão, o pilão era no chão. Aí eu torrava o café, rapava a rapadura, aquele mói de rapadura rapada. Quando ele ficava molinho, eu tirava e despejava numa vasia pra ele enxugar e eu pisar no pilão. O povo achava era bom eu torrar café, viu? Era tão bom... quando era pra beber com a rapadura... a gente comia bolacha também e ficava conversando nos bancos véi que tinha lá em casa (Entrevista com Dona Chica em 25/11/2018.)



Ao ser acionada, a memória de Dona Chica nos revela um pouco das relações sociais que existiam no entorno deste café, e seu relato acaba por involuntariamente trazer à tona uma memória de Seu Raimundinho em torno do mesmo tema:

Isso se chama comprar café no caroço, café tostado. Você comprava ele, vinha no pote. Se você quisesse torrar era só botar rapadura e tomava, picava o café que se chama “café morto no pau”. Aí quando não fazia, botava a rapadura ou botava cinza no chão, muita gente botava cinza no chão pra ele não pregar. Aí pisava no pilão. O café de Dona Chica a gente sentia a uma légua daqui. Juntava muita gente pra beber café na casa dela. (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

Percebemos desta forma, a possibilidade de interação social que uma torra de café pode proporcionar a uma comunidade. E de como a memória tem um papel fundamental neste processo, pois transporta aqueles sujeitos a outra realidade social, ressignifica o ato de tomar café na casa de outra pessoa da comunidade, e remonta aos não participantes uma realidade social temporalmente distante.

Outra forma de percebermos o fenômeno da interação social em Vila Teimosa, a partir da memória dos sujeitos, é a lavagem de roupa na beira do açude. Antes, faz-se necessário explicar que precisaremos de algumas indicações para a melhor compreensão do ocorrido.

Em uma de suas idas ao campo, utilizamos metodologicamente um pedaço de sabão de oiticica para tentar acionar a memória de uma de suas interlocutoras, buscando conhecer um pouco mais acerca das relações sociais daquele grupo. Dona Dina, ao pegar a barra de sabão questionou: “É sabão da terra?”. Nós explicamos que não, e que ela que ganhara uma barra maior daquele produto e que a dividira ao meio para presenteá-la. A interlocutora agradeceu com um riso acanhado, e em seguida iniciou, por si, sua experiência quando lavava roupas na comunidade.

**FOTO 6:** Sabão de oiticica para Dona Dina



Fonte: Acervo, Jéssica Kallyne. 2018.

Lavava roupa no açude, saia com... com...um taboleiro de roupa na cabeça pra lavar no açude.... ou nas cacimbas. Ia uma turma, eu, essa mulher dali...as vizinha ajuntava tudo e saia pra lavar roupa nos açude. E era muito bom! Era! (risos de Dona Dina) Que a gente tomava bãe também depois. Terminava de lavar roupa e ia tomar bãe... Ai vinha pra casa. (Entrevista com Dona Dina em 25/11/2018.)

Ao ouvir este relato, seu Raimundinho também contribui com sua memória narrativa a respeito deste momento entre mulheres. Sua perspectiva de observador externo ao grupo, nos mostra outro lado desta interação social:

Juntava a mulheria e começava a conversa. Sabe como era isso aí? Esse sabão que você deu a ela? A minh amãe mesmo, ela usava a de pedra de cinza... Sabe o que quer dizer? Pegava a cinza, colocava n'água que era pra ajudar a limpar os pano. Outros lavava com água de juá: rapava o juá e botava n'água e lavava com água de juá também... Era mei mundo de mulher! As vez a gente ficava até com vergonha de passar com tanta mulher que era lavando roupa. Agora era lavando roupa mesmo, você só ouvia o: bá! bá! bá! batendo nas peda. Ai eu ouvia elas falando: Vamo bater roupa! (Entrevista com seu Raimundinho em 25/11/2018.)

É importante observarmos também a memória que Seu Raimundinho utiliza para contar os outros tipos de sabão que sua mãe lavava roupas, e o uso dos recursos naturais sustentáveis utilizados por parte das mulheres em suas práticas cotidianas. Notamos assim, outro espaço de interação social em Vila Teimosa, a lavagem de roupa das mulheres. Tal espaço rememorado é carregado de sentido por parte dos sujeitos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia se propôs, a partir da memória dos velhos, compreender a seguinte problemática: Como a memória coletiva influencia na construção identitária étnica desta comunidade?

Para isso, seguimos algumas questões que pudessem nortear nossa pesquisa, como por exemplo a relação entre memória e identidade étnica na comunidade. Identificamos também a relação entre memória e ocupação territorial. Durante o percurso da pesquisa também se fez necessário registrar algumas das histórias daqueles sujeitos, para que entendêssemos a relação da memória coletiva e as suas interações sociais.

Ter a oportunidade trabalhar com idosos de uma comunidade quilombola, em um trabalho de conclusão de curso é algo imensamente satisfatório. Suas memórias nos bombardeiam com afetividade, cuidado, empatia e principalmente: ensinamentos de sua ancestralidade que eles carregam consigo que nos ensinam com muita afeição.

Ao estar em campo percebemos que a relação de memória e identidade étnica daqueles sujeitos ainda está ligada à raiz colonizadora, de não se reconhecer enquanto sujeito político de um espaço de luta. Em Vila Teimosa, a memória coletiva enxerga a identidade quilombola como algo distante, biologicamente determinável, não comum a todos que ocupam aquele território. A memória coletiva daqueles sujeitos ainda está imersa na colonialidade expressa pelo conselho Ultramarino do século XVII, e isso age diretamente em suas experiências sociais, pois, sua memória não os identifica enquanto sujeitos políticos quilombolas.

Em Vila Teimosa a velhice é compreendida como local de sabedoria, de respeito, de resguardo das histórias mais antigas e repassada aos demais, de referência das práticas cotidianas naquele território, de senhores e senhoras que, naquele local, dominam a experiência humana com a natureza. Quando procurávamos saber alguma história local, por exemplo, éramos direcionados para algum velho que nos contasse, pois, para eles, não haveria alguém melhor para contar. Para saber questões ligadas ao território, perguntávamos sobre as plantas que nunca tínhamos visto. Nenhum livro de botânica seria capaz de explicar as propriedades medicinais e as variações de utilidade daquelas plantas, com tanta propriedade quanto aqueles velhos.

Era notória a satisfação deles ao nos explicar diversas coisas de sua realidade empírica. Ao perguntar, por exemplo, o nome de uma árvore com muitos espinhos,

recebemos não apenas sua denominação, fomos atingidos por uma avalanche de memórias das experiências daqueles sujeitos. Para nós, uma jurema nunca será apenas uma planta, será a carga memorial dos velhos que a ensinaram aqueles espinhos já deixaram cegas diversas pessoas ao andar no mato. Que em época de escassez de água, retiravam todos os espinhos dos galhos para alimentar os seus bodes. Que o carvão de jurema acende um fogareiro mais rápido que outros tipos de lenha.

Sentar em um alpendre para conversar com nossos interlocutores foi de uma carga afetiva gigante, carga essa que fez com que nossas memórias pessoais também viessem à tona. Estar com Dona Dina e Seu Raimundinho em um dia de domingo à tarde, ouvindo suas memórias, tinha cheiro, cor e sabor da casa dos nossos avós em dia de almoço em família.

Obtivemos com este trabalho o avanço do conhecimento local, levando-se em consideração a visibilidade do conhecimento nativo que obtivemos na comunidade de Vila Teimosa. Neste sentido, será necessária a disseminação destes resultados obtidos, como forma de dar notoriedade à história negra quilombola do Cariri Ocidental Paraibano. No ponto de vista acadêmico, através da análise e exposição dos dados recolhidos em campo, pretende-se contribuir para a consolidação das pesquisas antropológicas feitas na região, dando visibilidade ao mundo das relações sociais que se encontram e a ciência que os estuda.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRASIL. **Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. Disponível em: <[http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988\\_12.07.2016/art\\_68\\_.asp](http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp)> Acesso em 10/11/2018.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (crqs) atualizadas até a portaria nº 146/2017, publicada no dou de 25/04/2017. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/CCERTID%C3%95ES-EXPEDIDAS-%C3%80S-COMUNIDADES-REMANESCENTES-DE-QUILOMBOS-25-04-2017.pdf>> Acesso em:11/12/2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Contexto, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**Henri Bergson renova o conceito de evolução em sua obra-prima**. Disponível em: <<http://editoraunesp.com.br/blog/henri-bergson-renova-o-conceito-de-evolucao-em-sua-obra-prima->>> Acesso em: 10/09/2018.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão**. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=6Zcz0fIj91cC&pg=PA404&dq=tumbeiros&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjJrNzbiJDcAhXEH5AKHR2MDZ8Q6AEISTAF#v=onepage&q=tumbeiros&f=false>. Acesso em: 08/07/2018

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os (des)caminhos da identidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>>. Acesso em: 26/12/2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A20capraro%202.pdf>> Acesso em:17/12/2018.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação editora UNESP, 1998, p. 85-172.

Quilombos da Paraíba. **Mapa 2017**. Disponível em: <<http://quilombosdaparaiba.blogspot.com/p/mapas.html>> Acesso em 11/12/2018.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*. Ano V, n.10, set/2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva de estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p.73-102.